

## O DESESPERO, A CONSCIÊNCIA DE SI E A LIBERDADE EM KIERKEGAARD

GREYCE KELLY CRUZ DE SOUSA FRANÇA

Psicóloga. Graduada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

cruz.greycekelly@gmail.com

HELYSSEN ASSUNÇÃO FRANÇA

Advogado. Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

helysson\_franca@yahoo.com.br

**RESUMO:** O estudo tem como objetivo abordar o desespero, a consciência de si e a liberdade em Kierkegaard. Pretendemos demonstrar que a liberdade só é possível quando o indivíduo toma consciência de si e que essa tomada de conhecimento não se faz sem passar pelo desespero. Este tem um nível de influência nos vários graus de tomada de consciência que serão apresentados e constitui um elemento fundamental na teoria kierkegaardiana, constituindo-se, antes tudo, como aquilo que nos difere dos animais.

**Palavras-chave:** Desespero. Consciência de si. Liberdade. Kierkegaard.

**ABSTRACT:** The study aims to address despair, self-awareness and freedom in Kierkegaard. We want to show that freedom is only possible when the individual becomes aware of himself and this knowledge pass for this despair. This concept has influence in varying degrees of awareness as will be presented and constitutes a key element in Kierkegaard's theory, constituting before all, as what that sets us apart from animals.

**Keywords:** Despair. Self-awareness. Freedom. Kierkegaard.

### 1. INTRODUÇÃO

No âmbito da teoria kierkegaardiana, a existência de cada indivíduo é vista como singular. Para ele, somos indivíduos únicos, filhos de nossa época e que vivem apenas uma vez e a importância do indivíduo em si é muito maior do que o Universo como um todo. Nesse viés, os conceitos de desespero, consciência de si e liberdade podem ser tomados como pontos centrais. Afinal, a partir desses conceitos surgem as principais questões existenciais, tais como: a angústia, a singularidade, as

possibilidades, a fé, dentre outras. Para Sartre (1978), o homem real é singular e destina-se à liberdade, que é compreendida como sendo a escolha entre alternativas possíveis. Nesse sentido, a obra de Kierkegaard, explora as emoções e sentimentos dos indivíduos quando confrontados com as escolhas que a vida oferece. A partir da obra *O desespero humano* (2010), buscar-se-á compreender melhor como os conceitos então mencionados se entrelaçam na filosofia deste autor.

## 2. DESESPERO E CONSCIÊNCIA

É possível afirmar que há uma pluralidade dos modos de vida e que em cada modo de vida há um nível de consciência. A consciência é aquilo que faz o homem tomar ciência de sua condição de existente. É o que faz o mesmo se perceber desesperado, vulnerável, perdido. Logo, o desespero pode apresentar níveis diferentes, assim como o nível de consciência de cada indivíduo. Em sua obra sobre o desespero, Kierkegaard (2010) ressalta que: “o homem é espírito” (p.19) e, como tal, possui uma finalidade, uma razão de ser que vai muito além da materialidade física. O lado espiritual, ou melhor, estar consciente de si, não somente faz parte do homem, como também representa sua parte mais relevante, visto ser aquela que impulsiona sua existência.

A consciência sofre, e seu sofrimento (psíquico) a atinge muito mais do que qualquer sofrimento físico. Assim, para Kierkegaard (2010), o desespero representa esse sofrer e se constitui como um mal para o qual não haveria cura. O desespero ou, como o autor coloca, a doença até a morte, como o próprio nome sugere, é doença e não remédio. Para ele, o desespero é pior que a morte, uma vez que ela representaria o fim de tudo. No entanto, “nada é doença mortal aos olhos do cristão” afirma Kierkegaard (2010, p.16). Para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna. A morte implica para ele mais esperança do que a vida comporta. Em compensação, o cristianismo descobriu uma miséria cuja existência o homem, como homem, ignora: a doença mortal ou desespero.

O desespero integra a natureza do homem, porém, ele pode ser mais suportável conforme o nível de fé do indivíduo. Para Kierkegaard, a única forma de superarmos o desespero é entrar em contato com quem criou a nossa essência, o que só poderia ser possível para o cristão, que é o único tipo de homem que conhece o

verdadeiro Criador. Esse autor não era nem um pouco relativista em relação à religião, para ele, não haveria salvação fora do cristianismo e ser cristão é condição imprescindível para superar a morte. Não obstante, a lição do cristão está em ter aprendido a conhecer a doença mortal.

Portanto, não pode o cristão morrer de desespero pois, para que assim fosse, teria que morrer o espírito, o qual constitui no indivíduo a parte imperecível. O desespero é uma doença até a morte, porém é uma doença que não mata, uma vez que o desespero é o vivenciar da morte do eu. É a tentativa impossível de transformar o eu ou negar a própria existência do eu como infinito e imperecível. É como negar a existência de um infinito em si mesmo, negando a existência de se ter uma vida interior. Aqueles que possuem fé conseguem amenizar o desespero ou até mesmo vencê-lo, porém a fé é paradoxal, absurda, e a única garantia que ela dá é a crença de que para Deus tudo é possível.

De acordo com Kierkegaard, existem três níveis de desespero, sendo eles: a) a inconsciência de se ter um eu; b) o desespero de quem não quer ser o seu eu; c) a vontade desesperada de sermos nós mesmos. Nesse sentido, Kierkegaard (2010) salienta que:

Da mesma forma como provavelmente não haja, segundo os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si mesmo (p. 19).

Kierkegaard (2010) coloca também que o desespero é um indicador da superioridade humana perante os animais. A superioridade do homem sobre o animal está em ser suscetível de se desesperar. Para entender melhor, passemos ao primeiro tipo de desespero. Nesse tipo de desespero o indivíduo não é possuidor da mínima capacidade de se entender como espírito e, por sua vez, remediar seu desespero. O indivíduo que sofre, no entanto, não sabe identificar a origem de seu sofrimento. Vive continuamente insatisfeito, mas não sabe de onde vem essa insatisfação. Daí, ele dizer: “[...] o que a maior parte não vê é que não ser desesperado, não ter consciência de o ser, é precisamente uma forma de desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p.28). E, ainda, acrescenta:

[...] a maior parte das pessoas vive sem grande consciência do seu destino espiritual. E daí toda essa falsa despreocupação, essa falsa satisfação em viver etc., que é o próprio desespero. Daqueles que se dizem desesperados, todavia, regra geral, uns é porque tinham em si suficiente profundidade para tomar consciência do seu destino espiritual, outros porque dolorosos sucessos ou violentas decisões os levaram a aperceber-se dele. Exceto estes, poucos mais haverá porque bem poucos serão aqueles que verdadeiramente não sejam desesperados (KIERKEGAARD, 2010, p.30).

Nesse tipo de desespero, o homem não assume a responsabilidade sobre sua vida. Pois tudo que lhe acontece ele atribui ao destino. Segundo Feijoo *et. al.* (2013, p. 45):

No desespero inconsciente, o homem toma-se enquanto vítima - tudo o que lhe ocorre ou que deixa de lhe ocorrer acontece porque teve sorte no mundo ou azar; neste caso, foi “o mundo” que o presenteou ou não. Não reconhecendo o seu eu livre, fazedor, coloca o seu eu como joguete do mundo. Não reconhece sua ação, colocando a responsabilidade por tudo que lhe sucede no externo.

Nesse ponto, tal indivíduo nem reconhece que seu problema está na sua interioridade e tenta achar uma saída. O segundo tipo de desespero é o de não querer ser si próprio. O indivíduo nega a si mesmo e, ao mesmo tempo tenta fugir de seu próprio eu; ao admirar o eu de outra pessoa o inveja, querendo se transformar nesse outro eu. Em outras palavras, esse sujeito percebe-se enquanto ser espiritual, possuindo consciência de si, porém, não aceita e se revolta com o seu eu, com a intenção de liquidá-lo. “Isso porque é acumulando sem cessar, no presente, o desespero pretérito que ele desespera por não poder devorar-se nem se libertar do seu eu, nem aniquilar-se” (KIERKEGAARD, 2010, p.24). Todavia o “homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é para se tornar um eu da sua própria invenção” (KIERKEGAARD, 2010, p.25), ou ainda, conforme acrescenta Kierkegaard (2010, p.25):

A inveja é uma admiração que se dissimula. O admirador que sente a impossibilidade de ser feliz cedendo à sua admiração, logo começa a invejar. [...] A admiração é um abandono de nós mesmos penetrado de felicidade, já a inveja é uma reivindicação infeliz do eu.

A forma mais evoluída do desespero é apontada como sendo o terceiro tipo, referindo-se àquele que aceita a si mesmo mostrando uma vontade desesperada de ser ele próprio sem mudanças. No entanto, essa tarefa não é possível de ser realizada por si mesmo, como coloca Kierkegaard (2010, p.21):

O progresso, nesse caso, será o desespero. Não estar desesperado deve significar a destruição da possibilidade de o estar: para que um homem não o esteja verdadeiramente, é preciso que a cada instante aniquile em si a sua possibilidade.

Em geral, se refere ao desespero como sendo uma doença para a morte, ou melhor: “Nem a morte pode salvar-nos dessa doença, pois aqui a doença, [...] a morte, é não poder morrer” (KIERKEGAARD, 2010, p.26). Tanto a evolução quanto o progresso do ser humano ocorre na proporção em que o desespero também evolui, e o desespero aumenta da mesma forma que aumenta o conhecimento de si:

A consciência dá a sua medida. Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá. Pois que, quanto mais ela cresce, mais cresce a vontade, e haverá tanto mais eu quanto maior for a vontade. Num homem sem vontade, o eu é inexistente. Todavia, quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si mesmo (KIERKEGAARD, 2010, p.33).

Kierkegaard (2010) ainda acrescenta: “A lei do progresso do eu, nesse caso, se também é na verdade preciso que o eu se torne ele mesmo, é que o conhecimento vá ladeado com a consciência e que, quanto mais ele conheça, tanto mais o eu se conheça” (p.35). A negação e ignorância do desespero podem ser consideradas como o maior distanciamento do remédio para o desesperado: “Juntamente com o desesperado consciente, o desesperado que se ignora só está afastado da verdade e da salvação por mais um passo negativo. O próprio desespero é uma negação e a ignorância do desespero é outra” (KIERKEGAARD, 2010, p.45).

O desespero na concepção de Kierkegaard (2010) é visto como o traço mais característico do ser humano. Para ele, o homem é um ser desesperado por se ver na angústia da incerteza de seu destino. Por não saber o que acontecerá consigo, estando entre ser o único responsável por tudo que vier a lhe acontecer ou acreditar na

existência de um ser superior que, além de definir um determinado destino para ele, pode auxiliá-lo nos instantes mais difíceis da vida. Parece ser impossível o ser humano não entrar em desespero, o que permite dizer-se que “o homem é desespero”, e, assim sendo, a única medida a ser adotada é remediá-lo, isto é, torná-lo mais suportável e menos doloroso. A fé é vista como remédio para o desespero e o ser humano precisa da interiorização para chegar até ela, encontrando-se consigo mesmo e com o divino.

Convém salientar que, enquanto o ser não perceber a eternidade existente em sua natureza e seu vínculo com o divino, o desespero o conduz a um grande sofrimento que impede sua felicidade, deixando-o em um estado que não o permite compreender o que passa ao seu redor, bem como sua finalidade como um ser humano. A falta de direcionamento em sua vida possibilita sua entrega aos apelos da vida material e à superficialidade da vida. Kierkegaard, ao identificar a existência dos modos de vida, sendo eles estético, ético e religioso; verificou também que neles estão presentes níveis de consciência diferenciados, entre os quais, o modo religioso apresenta-se como o mais perfeito, visto que, somente ele, pode atenuar o desespero que representa a base de todo e qualquer sofrimento humano, devendo-se levar em consideração o papel da religião como um atenuante para a angústia. O estilo de vida religioso permite uma interiorização, bem como a singularização, em outras palavras, um afastamento do coletivo.

Observa-se que o modo de vida religioso conduz a certo isolamento espiritual, possibilitando a interiorização necessária para essa tarefa. Em face desse contexto, atualmente, não se sabe o valor da solidão:

Nossa época, com sua perpétua sociabilidade, treme de tal modo ante a solidão, que não sabemos – que epigrama! - servir-nos dela senão contra os criminosos. Embora que, em nossos dias, seja um crime dedicar-se ao espírito, e nada tem de extraordinário, portanto, que os amantes da solidão sejam postos ao lado dos criminosos. (KIERKEGAARD, 2010, p.62)

A sociedade atual não entende a solidão como algo positivo. O que é considerado bom e normal é estar em convívio com as pessoas. Lessa (2003) fala que o estar só se refere ao ser que só pode existir no contexto de sua própria vida e enquanto nela se constrói, que não pode viver como se fosse outro nem morrer como se fosse

outro e cita Heidegger quando este defende que a existência não possa ser compartilhada, mas construída e conquistada por cada um.

Sendo assim, o homem sente-se desesperado face à possibilidade de atingir negativamente seu eu. Tudo que ocorrer em sua vida, de bom ou ruim, é responsabilidade única de seu proceder. O desespero em si, está diretamente relacionado aos modos de vida e à consciência, visto que são eles que definem, de determinada forma, o nível de desespero em que cada indivíduo se encontra. Da mesma forma até que ponto se pode remediá-lo.

### 3. A FORMAÇÃO DO EU E A CONSCIÊNCIA

Segundo Kierkegaard, o homem se constitui de desespero, e por isso diferencia-se dos animais. Tal desespero se justifica na eternidade, uma vez que ele insere o eterno na existência. O desespero chamado de doença mortal só pode ser pensado no eterno. Na busca contínua de encontrar justificações para a sua existência no espaço do temporal, o homem se desespera e por isso busca uma saída no eterno e a cada tentativa de fazer a síntese entre temporal e eterno, aumenta a consciência de seu desespero. O eu se forma na indeterminação e na ambiguidade, na busca dos possíveis, e na determinação das necessidades.

Segundo Feijoo *et. al.* (2013), ao tentar estagnar-se sempre no temporal o eu fracassa, pois falta-lhe o eterno. Na dialética da necessidade e das possibilidades, o eu executa o necessário por meio das limitações sociais do meio em que vive (a cultura). Tal necessidade o limita. Porém, o eu também vive no âmbito das possibilidades que o tornam ilimitado. E tal dialética - necessidade *versus* possibilidades - chama-se liberdade. A liberdade é limitada pela necessidade e ilimitada pelas possibilidades. O possível é aquilo que se pode decidir/escolher, o necessário é aquilo que é. O eu que fica inerte na necessidade, se estagna naquilo que lhe é determinado, nunca progride porque não é capaz de dar o salto no âmbito das possibilidades.

Nesse sentido, o eu pode se perder, pois sempre vai ficar na carência de eterno. De outro lado, o eu que tenta executar somente o campo dos possíveis, também pode se perder, uma vez que tal busca poderá tornar-se uma ilusão. Logo, a existência humana justifica-se nesse eterno movimento de temporal e de eterno, do necessário e das possibilidades.

O eu que acredita no eterno tem fé que tudo é possível e assim pode se esquecer do seu temporal. Assim também o eu que permanece inerte ante a necessidade carece de eterno. Portanto, o importante na formação do eu é o movimento. O eu se forma na caminhada, onde cada passo se intercala de finito e infinito, de eterno e temporal, de necessidade e possibilidade. Tal caminhada chega a um ponto onde se vê o paradoxo, momento em que o eu tenta ultrapassar e não consegue. Na tentativa de resolver tal paradoxo o eu pode se perder, caso falte algum dos elementos na caminhada.

Como já dito, a consciência é aquilo que faz o eu perceber-se conhecedor de sua condição existencial como fraco e perdido diante de sua existência e do absurdo. O homem que se encontra no nível do desespero inconsciente não se vê como existente. No nível em que o homem tem consciência de ter um eu, ainda assim, pode desesperar quando o mesmo quer ser si-próprio ou quando não quer ser si-próprio. Mas, como descreve Kierkegaard (2010), o desespero é explicado pela consciência. Quanto mais consciência se possui do eu, mais desespero.

Nesse sentido pode-se afirmar que não ter consciência do seu eu é ser ignorante em relação ao seu próprio desespero e tal fato prejudica. Segundo Kierkegaard (2010), o indivíduo que tem consciência e assume a sua condição de desesperado está mais próximo do alívio de seu desespero do que aqueles que negam seu desespero. O homem precisa tomar consciência de si próprio, porque quanto mais consciência houver maior será a possibilidade de remediar seu desespero.

#### 4. A CONSCIÊNCIA DE SI E A LIBERDADE

Uma questão fundamental na filosofia kierkegaardiana é a questão da liberdade humana e o seu entendimento a respeito da natureza do ser humano e da sua autodeterminação. O desespero e a angústia, nas obras de Kierkegaard, têm uma estrutura complexa e estão estreitamente ligados um ao outro. Tanto a angústia quanto o desespero são, para Kierkegaard, uma síntese entre o finito e o infinito, entre o temporal e o eterno, de forma que é impossível tratar da análise do conceito kierkegaardiano do desespero sem adentrar, também, no *Conceito de angústia* (2010) do mesmo autor, pois ambos estão intrinsecamente relacionados. Esses dois conceitos se baseiam na estrutura ontológica do ser humano para entender a liberdade e a autodeterminação.



Numa época de indiferença religiosa, quando o homem não se volta mais para dentro de si, quando o homem é escravo de sua imaginação, e, conseqüentemente do desespero, a perda do eu, que, para Kierkegaard, é o pior dos castigos pode passar despercebido pela maioria das pessoas, e a única forma de não perder o “eu”, deixando de existir, é livrar-se do desespero e reconciliar-se com a fonte desse “eu”, que é Deus.

Para Kierkegaard, não devemos ficar perdendo tempo com a tentativa de provar a religião através da razão. Ou Deus existe ou tudo está perdido, portanto, é necessário apegar-se com todas as forças à fé, que é, segundo o filósofo, a única forma de não submergir nas águas do desespero. Desesperar-se sim, tomar consciência do desespero inclusive, pois somente assim o homem estaria apto a exercer sua liberdade diante das inúmeras possibilidades que a vida lhe impõe.

## 5. CONCLUSÃO

Evidencia-se que cada indivíduo é possuidor de verdades que são somente suas. Assim, o desespero humano pode ser percebido de maneira muito individual, portanto, o remédio a ser indicado para ele, não pode ser mera generalização, uma vez que Kierkegaard assegura que: “A verdade é verdade para mim”. Na busca individual pela consciência de si, o desespero pode levar o indivíduo à fé que, como dito, é absurdo, escândalo, paradoxo, no entanto, faz o indivíduo encarar o campo das possibilidades. E diante das possibilidades o indivíduo ganha ao escolher a si próprio. Sendo o desespero inerente à condição humana, é também inerente à relação do eu consigo e do eu com o mundo. Nesse sentido a partir do desespero chega-se a existência.

Sendo a consciência aquilo que faz o eu perceber-se conhecedor de sua condição existencial como fraco e perdido diante de sua existência, os níveis de consciência estão diretamente relacionados aos níveis de desespero. Verificou-se que o homem que se encontra no nível do desespero inconsciente não se vê como existente. Por outro lado, no nível em que o homem tem consciência de ter um eu, ainda assim pode desesperar, quando o mesmo quer ser si - próprio ou quando não quer ser si - próprio. Para Kierkegaard o desespero é explicado pela consciência. Quanto mais consciência se possui do eu mais desespero haverá.

Fica a pergunta: aquele que desconhece sua própria ignorância não possuindo a consciência de si, não sentiria desespero pela vida em que se encontra? Ou melhor, a ignorância pode ser um remédio para o desespero? Ou o ser humano, que se percebe desesperado, precisa interiorizar-se, procurando alcançar o estilo devido religioso a fim de remediar sua alma? Não pretendemos dar respostas definitivas a essas questões, nem utilizar-nos das respostas dadas pelo autor para elegê-las como as mais corretas ou preferíveis. Pelo contrário, as expomos, a fim de suscitar a discussão acerca destas, mas deixando a cargo de cada um, em sua singularidade, dar conta do seu próprio desespero e escolher, dentre as saídas possíveis, aquela que melhor lhe apraz.

## REFERÊNCIAS

FEIJOO, *et. al.* **O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica.** Rio de Janeiro: Ifen, 2013.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário.** Petrópolis: Vozes, 2010a.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano.** São Paulo: Unesp, 2010b.

\_\_\_\_\_. **As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos.** Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Temor e Tremor.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. [Saraiva de Bolso].

LE BRANC, Charles. **Kierkegaard.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LESSA, J. M. **Solidão e liberdade.** 2 ed. Rio de Janeiro: SAEP ed, 2003.

SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.